

**A CRUELDADE HUMANA EM TRADUÇÃO:
UMA ANÁLISE DA REDE COESIVA EM TORNO DE MARIA MUTEA
EM GRANDE SERTÃO:
VEREDAS E THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS**

ALVES, Daniel
Dinter Novas Fronteiras UFSC-UFPB

Resumo: O artigo discute a construção da crueldade na personagem Maria Mutema no romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e em sua tradução para o inglês, *The devil to pay in the backlands*, de James L. Taylor & Harriet de Onis. Para promover tal discussão, são delineados parâmetros para definir crueldade – tomando como base Cézair (1986) e Levi (1990). Para analisar a construção de Maria Mutema, é feita uma análise dos itens coesivos ligados à personagem e se toma como base a teoria de Representação de Atores Sociais, de Van Leeuwen (2009). Pela análise, verifica-se que a personagem de Maria Mutema é construída de forma mais ativa no romance em inglês – o que poderia contribuir para a construção uma personalidade mais cruel da personagem – e de forma mais descritiva no romance em português.

Palavras Chave: Grande Sertão; Veredas; Coesão; Crueldade humana.

Abstract: This text discusses the traits of cruelty of the character Maria Mutema in the Brazilian novel *Grande Sertão: Veredas*, by Guimarães Rosa, and in its translation into English, *The devil to pay in the backlands*, by James L. Taylor & Harriet de Onis. In order to do so, parameters of cruelty are set, considering Cézair (1986) and Levi (1990). The analysis of how Maria Mutema is construed, on the other hand, is based on the cohesive links connected to the character, considering the Van Leeuwen's (2009) theory of representation of social actors. The analysis carried out shows that Maria Mutema is more systematized in the novel in Portuguese and more active in the novel in English. This may construe a more cruel character in the last one due to the fact that she acts more and more deliberately in English.

Key Words: The devil to pay in the backlands; Cohesion; Human cruelty.

*“The only unforgivable sin is deliberate cruelty”
Tennessee Williams*

1. Introdução

Este artigo pretende discutir a construção da crueldade na personagem Maria Mutema no romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e em sua tradução para o inglês *The devil to pay in the backlands*, de James L. Taylor & Harriet de Onis. A discussão tentará levar em conta as características dos textos de Guimarães Rosa e a forma como elas se apresentam em se tratando de textos em relação de tradução. Ao tratar sobre o tema crueldade, este artigo buscará não adotar visões maniqueístas e, para tanto, serão tomados como parâmetros observações de Cézair (1986) e Levi (1990) sobre os limites da crueldade humana e o que caracteriza um ato como crueldade gratuita.

A análise das redes coesivas ligadas à personagem de Maria Mutema nos dois romances que compõem o corpus desta pesquisa terá como base a teoria de

Representação de Atores Sociais, de Van Leeuwen (2009) e tentará identificar padrões na escolha dos elos coesivos ligados à personagem e em que grau essas escolhas afetam a construção da personagem em português e em inglês.

A partir da discussão delineada nos parágrafos anteriores, este artigo tentará responder às seguintes perguntas de pesquisa:

É possível estabelecer limites para se falar em crueldade humana, sem adotar uma postura maniqueísta?

- a) A partir dessa discussão sobre crueldade, como analisar o comportamento de Maria Mutema nos romances *Grande Sertão: Veredas* e *The devil to pay in the backlands*?
- b) Como os mecanismos coesivos empregados em cada um dos romances constroem Maria Mutema e qual o impacto dessas realizações para a construção da característica da crueldade na personagem?

A próxima seção levanta o debate aqui proposto partindo das características da escrita de Guimarães Rosa e de como tais características representam um desafio para o texto em tradução.

2. A escrita de Guimarães Rosa em tradução

Como anteriormente mencionado, este artigo pretende analisar as redes coesivas construídas em torno da personagem Maria Mutema no romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e em sua tradução para o inglês *The devil to pay in the backlands*, de James L. Taylor & Harriet de Onis.

A escolha por analisar o corpus mencionado pode ser justificada pelo interesse em verificar como opera a tradução de uma escrita marcada pela mistura criativa de estruturas da língua, como é o caso do texto de Guimarães Rosa. Proença (1976:212), por exemplo, aponta que se trata de um autor que mescla regionalismos e latinismos, linguagem oral e castiça, formas arcaicas e neologismos, “escrita semântica dos termos etimológicos e translações violentas, de impulso metafórico ou não”.

As características da escrita de Guimarães Rosa se impõem como um desafio para o texto em tradução. Chega a ser possível trazer para a prosa de Rosa a discussão comum sobre a traduzibilidade da poesia: uma vez que a escrita em prosa de Rosa se iguala (ou supera) as dificuldades de se traduzir o texto poético. Willemsen (1986:60) chega a dizer explicitamente que “quase nenhum poema que traduzi, igualou em dificuldade uma página de Guimarães Rosa”.

Campos (1976:22), ao discutir a “intraduzibilidade da ‘sentença absoluta’ de [autores] de poesia”, levanta que a questão da traduzibilidade não se coloca como um desafio apenas na poesia, mas em “obras de arte em prosa que conferem primacial importância ao tratamento [da] palavra como objeto”. Campos (1976:22) cita nominalmente o romance *Grande Sertão: Veredas* como um dos casos que “postulariam a impossibilidade [da] tradução” e argumenta ser mais preciso trabalhar com o conceito de texto do que os de prosa e poesia.

A próxima seção discute o conceito de crueldade humana, tentando não encarar o tema de forma maniqueísta. Para tanto, serão apresentadas ideias propostas por Levi (1990) e Cézard (1986) para tentar definir quais seriam os limites que diferenciam a crueldade deliberada e uma ação motivada por interesses.

3. A crueldade humana

3.1. A zona cinzenta da crueldade

Tentar discutir o tema crueldade sem apelar para visões maniqueístas, encarando-a com suas especificidades e seus panos de fundo e considerando-a além da simples dualidade preto x branco, mas em uma escala com infinitas tonalidades de cinza, apresenta-se como um desafio para a discussão aqui proposta.

A raiz de tal desafio estaria na própria natureza humana, que nos impulsionaria a perceber o mundo em realidades dicotômicas e a ignorar as muitas ambiguidades e relações de interesse engendradas em cada experiência, fato ou fenômeno histórico. A partir das observações de Levi (1990:17), seria possível até mesmo dizer a característica atávica do ser humano de reduzir “o cognoscível a um esquema”, evitando os meios tons e a complexidade, seria fruto de uma limitação cognitiva que nos impediria “de nos orientar e decidir nossas ações”, sem simplificar o emaranhado infinito que constitui o mundo ao nosso redor.

A tentativa de não apelar para simples dicotomias, no entanto, não nos permite, aqui, evitar a discussão sobre qual seriam os limiares da crueldade, ou tentar separar o que pode ser encarado como uma ação motivada e o que pode ser encarado como um exercício deliberado de crueldade. Uma das esferas que se mostram mais frutíferas a tal debate seria a do litígio.

Desde tempos imemoriais há registros de conflitos entre seres humanos (e grupos de seres humanos), assim como a exploração de forças humanas para práticas cruéis (que potencialmente causariam dor ou sofrimento). Seria, portanto, possível apontar que a disputa contenciosa – e os consequentes danos físicos que tais contensões causariam – vem marcando o curso da história da humanidade. A questão primordial, para Cézar (1986:27), no entanto, estaria não na prática de violência por facções litigantes, mas nas “condições de sujeição e debilidade do grupo derrotado” (CÉZAR, 1986:38). A instituição da possibilidade de legítima defesa seria, segundo Cézar (1986:39), o limiar entre a agressividade humana natural e o “exercício bestial da crueldade”.

Levi (1990:67-70), por sua vez, levanta a questão da utilidade da violência para tentar definir o limiar da “malignidade deliberada e gratuita”. Longe de defender qualquer tipo de violência, Levi tenta adotar uma postura compreensiva ao apontar que pode haver formas violências que têm algum propósito dentro de uma lógica de raciocínio. Um exemplo, segundo Levi (1990:63), seriam as guerras, que, mesmo com todos os seus pesares, não podem ser vistas como totalmente inúteis, pois “visa[ria]m a um objetivo, quem sabe iníquo ou perverso”, mas não seriam gratuitas, nem teriam como fim único a criação de dor humana.

Levi (1990:69) exemplifica a ideia de crueldade gratuita contando a experiência da não distribuição de colheres aos detentos do campo de concentração de Auschwitz durante a II Guerra Mundial. Segundo o autor – que foi um dos detentos de tal campo –, o regime alimentar do campo de concentração era constituído, basicamente, por sopa, mas não eram fornecidas colheres aos prisioneiros. Não havia, no entanto, motivos econômicos por trás desse fato, pois, segundo Levi (1990:69), havia nos depósitos campo milhares de colheres de plástico, alumínio, aço e até mesmo de prata. Assim, por se tratar de uma ação que tinha como objetivo único causar humilhação, a não distribuição de colheres pode ser encarada como um exemplo de “malignidade deliberada e gratuita” (LEVI, 1990:67).

Outro ponto apresentado por Levi (1990:25) diz respeito ao espaço para escolhas – em especial as de caráter moral – quando são analisados casos de crueldade. Em seu

relato sobre os prisioneiros de campos de concentração que se tornavam opressores/algozes de seus próprios consortes, Levi lembra que se tratava de um ambiente que colocava todos sob um condicionamento de fome, frio, fadiga e espancamento – o que, ao cabo de um período relativamente curto, os levava a lutar pela sobrevivência – o que não pode ser usado como justificativa para qualquer falta, mas que, como aponta Levi (1990:25), leva a ser “ilógico pretender deles (...) o comportamento que se espera dos santos e dos filósofos estóicos”.

Em resumo, tentando responder ao desafio aqui proposto de apontar os limiares que separam a crueldade de ações motivadas, são considerados três fatores apontados acima – a saber: a possibilidade de legítima defesa por parte do derrotado; a gratuidade da ação apontada como cruel; e a possibilidade de escolha moral por parte do agressor.

A próxima seção apresenta estudos que se concentraram sobre a figura de Maria Mutema e discute a questão da crueldade na construção da personagem, tomando como parâmetros as observações de Cézár (1986) e Levi (1990).

3.2. A crueldade no caso de Maria Mutema

Apresentado na narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, o caso de Maria Mutema e do Padre Ponte narra a história de uma mulher que, após ficar viúva, começa a se confessar com frequência, causando distúrbios no pároco da cidade (conhecido como Padre Ponte), que o levam a perecer. Após a morte de Padre Ponte e a chegada de dois missionários, Maria Mutema se confessa publicamente, revelando ter assassinado o marido (derramando chumbo derretido em seu ouvido enquanto ele dormia) e ter, deliberadamente causado sofrimento em Padre Ponte (levando-o a acreditar que seria ele o motivo do assassinato do marido de Maria Mutema) e clama por perdão.

Segundo D’Angelo (2007:44), a história de Maria Mutema seria de grande importância para a narrativa de *Grande Sertão: Veredas* por antecipar (*foreshadow*) a intenção do narrador, Riobaldo, de se expor e revelar seus segredos, mostrando um percurso de arrependimento em busca do perdão. D’Angelo (2007:43) – assim como e Seligmann-Silva (2009:140) – prefere analisar a história de Maria Mutema justamente pelo viés do perdão e a aponta como uma das partes mais conhecidas de *Grande Sertão: Veredas*. Para D’Angelo (2007:47), a identidade de Maria Mutema seria “ofuscada pelo sadismo e pelo inexplicável” e sua transgressão seria marcada não apenas pelo assassinato do marido e das mentiras contadas ao padre, mas também pela sua exposição “ao juízo dos homens antes que de Deus”.

Amaral (2005), por sua vez, prefere analisar o mal ao tratar sobre a história de Maria Mutema. Amaral (2005:1) ressalta “a presença do maligno em sua alegre gratuidade, o oposto do banal, em que os objetos de holocausto imolados são figuras masculinas institucionalizadas”. O autor, no entanto, adota uma postura com matizes maniqueístas, ao colocar o mal sob o viés do “confronto atemporal entre o bem e o mal” (AMARAL, 2005:1) e o trata como “um poder aniquilador, quase força da natureza, ou da sobrenatureza, precisa encontrar um símile e ao mesmo tempo sua contraposição” (AMARAL, 2005:5). Além disso, o autor volta sua discussão para as estruturas patriarcais da sociedade judaico-cristã ocidental e a ligação entre o feminino e o maligno na Bíblia e – o que dificulta o estabelecimento de maiores diálogos entre o artigo aqui proposto e o de Amaral.

Retomando as observações de Cézár (1986) e Levi (1990) – apontadas na seção anterior – e tentando, como foi dito anteriormente, analisar a crueldade por um viés não maniqueísta, passamos a tentar analisar o comportamento atribuído à personagem de Maria Mutema a partir dos seguintes critérios:

- a) A possibilidade de legítima defesa do derrotado;
- b) O grau de gratuidade e deliberação da crueldade;
- c) O espaço para a escolha moral do agressor.

Para realizar a análise aqui proposta, o principal trecho da história de Maria Mutema a ser considerado, por trazer informações que permitem avaliar os critérios acima, é o parágrafo que apresenta a confissão pública de Mutema, apresentado no quadro a seguir:

E Maria Mutema, sozinha em pé, torta magra de preto, deu um gemido de lágrimas e exclamação, berro de corpo que faca estraçalha. Pediu perdão! Perdão forte, perdão de fogo, que da dura bondade de Deus baixasse nela, em dores de urgência, antes de qualquer hora de nossa morte. E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de perdão de todos também, se confessava. Confissão editada, consoantemente, para tremer exemplo, raio em pesadelo de quem ouvia, público, que rasgava gastura, como porque avessava a ordem das coisas e o quieto comum do viver transtornava. Ao que ela, onça mostra, tinha matado o marido – e que ela era cobra, bicho imundo, sobrado do podre de todos os esterco. Que tinha matado o marido, aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma; por que, nem sabia. Matou – enquanto ele estava dormindo – assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. O marido passou, lá o que diz – do oco para o oco – do sono para a morte; e lesão no buraco do ouvido dele ninguém não foi ver, não se notou. E, depois, por enjoar do Padre Ponte, também sem ter queixa nem razão, amargável mentiu, no confessionário: disse, afirmou que tinha matado o marido por causa dele, Padre Ponte – porque dele gostava em fogo de amores, e queria ser concubina amásia... Tudo era mentira, ela não queria nem gostava. Mas, com ver o padre em justa zanga, ela disse tomou gosto, e era um prazer de cão, que aumentava de cada vez, pelo que ele não estava em poder de se defender de modo nenhum, era um homem manso, pobre coitado, e padre. Todo o tempo ela vinha em igreja, confirmava o falso, mais declarava – edificar o mal. E daí, até que o Padre Ponte de desgosto adoeceu, e morreu em desespero calado... Tudo crime, e ela tinha feito! E agora implorava o perdão de Deus, aos uivos, se esguedelhando, torcendo as mãos, depois as mãos no alto ela levantava.

Quadro 1 – Confissão de Maria Mutema em *Grande Sertão: Veredas*

O primeiro ponto a ser analisado no parágrafo acima é a possibilidade de legítima defesa das vítimas de Maria Mutema: seu marido (não nomeado na história) e Padre Ponte. A partir da confissão de Mutema, é possível dizer que nenhuma de suas vítimas tinha a possibilidade de tentar se defender: a primeira, o marido, foi assassinado durante o sono, incapacitado de tomar qualquer atitude que lhe pudesse salvar a vida e passando, assim, “do sono para a morte”. A segunda vítima de Mutema, Padre Ponte, foi vítima da intriga proposta por Mutema ao atribuir a ele, o pároco, a força motivadora do primeiro crime em confissão. Pelos preceitos católicos, a confissão é inviolável e não pode ser negada. O que caracteriza a incapacidade de defesa do religioso, ou, nas palavras utilizadas no romance “ele não estava em poder de se defender de modo nenhum”.

O segundo ponto de análise diz respeito ao grau de gratuidade da crueldade. Em relação à primeira vítima de Maria Mutema – seu marido – seria possível questionar se o assassinato traria algum tipo de benefício pecuniário à Mutema. Não que tal benefício pudesse justificar o crime, mas, sem dúvida, traria luz em relação à motivação do assassinato. Em sua confissão pública, no entanto, Maria Mutema revela ter matado seu marido “sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma; por que, nem sabia”. Já em relação ao segundo crime, Mutema revela sentir prazer ao vitimar o padre sem lhe permitir qualquer possibilidade de defesa (por mentir a ele em segredo de confissão).

Por fim, analisando as condições sob as quais a personagem de Maria Mutema é representada na história, é possível dizer que não há indícios de qualquer circunstância que apontasse para uma relativização do espaço para a escolha moral do agressor, como uma luta pela sobrevivência ou estado extremo (de fome, frio, fadiga, ou espancamento,

como aponta Levi, 1990) – o que ressalta o livre arbítrio da personagem ao cometer os crimes relatados.

Assim sendo, pelos critérios propostos, é possível dizer que a personagem de Maria Mutema ultrapassa o limiar que separa a crueldade deliberada e uma ação motivada por interesses ao negar a suas vítimas qualquer possibilidade de legítima defesa; ao agir tendo como fim a criação de dor e sofrimento, sem qualquer outro tipo de motivação e por assim agir em plenas condições de livre arbítrio.

A próxima seção analisará as redes coesivas ligadas à personagem de Maria Mutema nos dois romances que compõem o corpus desta pesquisa (*Grande Sertão: Veredas* e *The devil to pay in the backlands*). A partir dessa análise, este trabalho tentará identificar padrões na escolha dos elos coesivos ligados à personagem e em que grau essas escolhas afetam a construção da personagem em português e em inglês.

4. A crueldade em tradução

4.1. As redes coesivas relacionadas à Maria Mutema

Partindo do pressuposto Hallidayano de que, mais do que refletir, a linguagem modela a realidade e de que as “escolhas gramaticais e lexicais (...) modelam a experiência e transformam nossas percepções em significados” (HALLIDAY, 2003:145), e da ideia de que cada cultura tem suas próprias formas de representar o mundo social, “prescrevendo (...) o que pode ser realizado verbal e visualmente (...) e que tais arranjos são sujeitos a mudanças históricas” (VAN LEEUWEN, 2008:25), este artigo se propõe a analisar as redes coesivas construídas em torno da personagem Maria Mutema – nos dois romances que compõem o corpus desta pesquisa (como anteriormente dito, o romance em português, *Grande Sertão: Veredas*, e sua tradução para o inglês, *The devil to pay in the backlands*).

A análise das redes coesivas será baseada na teoria de Representação de Atores Sociais, de Van Leeuwen (2008) e terá como objetivo investigar a construção da personagem de Maria Mutema. Assim, serão investigados os mecanismos coesivos empregados em cada um dos romances, sob a luz da teoria de representação de atores sociais de forma a analisar como é construído o agenciamento da personagem de Maria Mutema nos textos.

A próxima seção apresenta brevemente a teoria de representação de atores sociais de Van Leeuwen (2008) e estudos que dialogam com essa teoria.

4.2. Representação de Atores Sociais

Fundamentada na Análise Crítica do Discurso, a teoria de representação de atores sociais de Van Leeuwen (2008:vii) parte da análise de elementos-chave em práticas sociais (como atores, ações, estilos, cenários, tempos), especialmente quando se consideram processos de recontextualização. Para Van Leeuwen (2008:vii), quando se recontextualizam informações, aspectos do discurso podem ser excluídos, acrescentando elementos ou excluindo detalhes das práticas sociais – o que pode legitimar ou problematizar práticas.

Como a teoria de representação de atores sociais constitui uma proposta ampla e abrangente, para fins de delimitação do trabalho aqui proposto, será feito – a exemplo do trabalho de Assis (2009:87) – um recorte na teoria. Serão apresentados, a seguir, os conceitos de a) ativação, b) passivização, e c) sistemização. Ao analisar tais conceitos, este artigo pretende verificar: quais papéis são atribuídos à Maria Mutema no romance

em português e no romance em inglês e qual a construção do agenciamento da personagem em relação a suas ações.

Assis (2009:51) aponta que os conceitos de ativação, passivização e sistemização estão ligados à categoria ‘inclusão’ da proposta de Van Leeuwen (2008). Esses conceitos estariam relacionados, segundo Assis (2009:51) à distribuição de papéis em uma representação e revelariam “como as relações entre Participantes são organizadas” e como os atores sociais são apresentados – seja como ativos, seja como passivos.

Segundo Van Leeuwen (2008:33), a ativação normalmente é realizada gramaticalmente, por meio de estruturas de transitividade, mas também pode ser realizada por circunstancialização ou por modificação (pré-modificação ou pós-modificação). No primeiro caso, de circunstancialização, preposições marcam a apassivação do ator social. Já nos casos de modificação, o uso de pronomes possessivos pode, segundo o autor, ativar ou apassar um ator social.

Haveria, segundo Assis (2009:105) uma terceira opção quando se fala no módulo de inclusão, proposto por Van Leeuwen (2008): a sistemização. Assis aponta que há casos em que os atores sociais são identificados, apresentados, ou que lhes são atribuídas características. Tais casos, ainda de acordo com Assis (2009:106), seriam identificáveis em “orações contendo Processos estáticos, como os Relacionais e Existenciais, que, por sua natureza não expressam atividades”.

Ao analisar a alocação de papéis atribuídos à Maria Mutema, este trabalho pretende verificar como os textos constroem a responsabilidade da personagem em relação a seus atos no romance: se de forma mais ativa em relação a suas ações ou mais passiva (ou mais descritiva). A seção seguinte apresenta a metodologia adotada para levantar os dados a serem analisados neste artigo.

4.3. Metodologia

4.3.1. O corpus de estudo

Publicado em 1956, *Grande Sertão: Veredas* apresenta histórias de amor impossível, disputas de poder e acordos faustianos no sertão brasileiro (mais especificamente, na região do sertão localizada entre os estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia). Narrado em primeira pessoa pelo ex-jagunço Riobaldo a um interlocutor não identificado, o romance apresenta uma estrutura não linear (vezes considerada labiríntica), sem divisões de capítulos, com digressões e omissões. Para se apresentar de tal forma, o romance se ancora fortemente em uma narrativa de caráter bastante oralizado: o que permite – como, aponta Diniz (2006:176) – que o narrador se embrenhe por uma rede de episódios desconexos e veredas tortuosas, com uma narrativa de trajetória subjetiva e elíptica, em que o relato de memórias é feito em movimentos de ir e vir.

Publicada em 1963, a tradução *The devil to pay in the backlands*, de James L. Taylor e Harriet de Onis contribuiu para a divulgação do romance de Guimarães Rosa no Mundo. Em 2002, o Norwegian Book Clubs a apontou como uma das 100 maiores obras literárias de todos os tempos.

Para este trabalho, foi feito um recorte nos romances *Grande Sertão: Veredas* e *The devil to pay in the backlands* para selecionar a história de Maria Mutema, contada em ambos os textos. O recorte apresenta as seguintes características:

	Texto em português	Texto em inglês
Número de parágrafos	18	17
Número de ocorrências (tokens)	1.943	1.936
Número de vocábulos (types)	825	692

Tabela 1 – Características dos textos que compõem o corpus deste artigo

É possível ver, na

Tabela 1 que os textos em português e em inglês (aqui analisados) se assemelham no que tange à distribuição de parágrafos e no número de ocorrências (tokens). Há uma diferença maior, no entanto, no número de vocábulos (types) em cada um dos textos – o que pode apontar para um indício de simplificação do texto traduzido. A análise desse ponto, no entanto, não é o foco deste artigo e, portanto não será mais aprofundada.

A seguir, são delineados os passos adotados para levantamento dos dados a serem analisados.

4.3.2. Levantamento de dados

Definido o corpus para análise, foram selecionados os itens coesivos relacionados à Maria Mutema, em português e em inglês. O corpus foi arranjado em uma planilha eletrônica – para possibilitar a seleção de casos para análise, a classificação de cada caso (dentro de seu contexto) e a sistematização numérica da análise. O quadro a seguir mostra um exemplo de itens coesivos relacionados à Maria Mutema em português e em inglês:

Português	Naquele lugar existia <i>uma mulher</i> , por nome <i>Maria Mutema</i> , <i>pessoa igual às outras</i> , <i>sem nenhuma diversidade</i> . Uma noite, o marido dela morreu, amanheceu morto de madrugada. <i>Maria Mutema</i> chamou por socorro, reuniu todos os mais vizinhos. O arraial era pequeno, todos vieram certificar. Sinal nenhum não se viu, e ele tinha estado nos dias antes em saúde apreciável, por isso se disse que só de acesso do coração era que podia ter querido morrer. E naquela tarde mesma do dia dessa manhã, o marido foi bem enterrado.	uma mulher Maria Mutema pessoa igual às outras sem nenhuma diversidade dela Maria Mutema
Inglês	<i>A woman called Maria Mutema</i> lived there; just <i>a plain woman</i> , with nothing to distinguish <i>her</i> from all the others. One night, <i>her husband</i> took sick; when morning came, he was dead. <i>Maria</i>	A woman Maria Mutema a plain woman Her her husband

Mutema called for help; all the neighbors gathered. The village was small, and they all came in to see. There was no visible cause; he had been in good health up till then, and so it was said that he could have died only from a heart attack. And the afternoon of that same day, the husband was properly buried.

Maria Mutema

Quadro 2 – Exemplos de itens coesivos em *Grande Sertão: Veredas* e em *The devil to pay in the backlands* (grifos meus)

A seleção de itens coesivos foi feita a partir da proposta de Halliday & Hasan (1976). Foram selecionados os itens que estabeleciam relações de referência (anafórica e catafórica) por meio de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos. Também foram considerados casos de coesão por coesão lexical, nomes gerais, reiteração e epítetos. Essa seleção permitiu o levantamento de 54 itens coesivos no romance em português e 109 itens no romance em inglês – as razões para tal discrepância serão apresentadas na seção 4.4.

Como mencionado anteriormente, os dados levantados foram classificados seguindo a proposta de Van Leeuwen (2008) sobre a representação de atores sociais. Por se tratar de uma teoria ampla e abrangente, no entanto, foi feito um recorte na proposta e foram analisadas as características de agenciamento (ativação, apassivação e sistemização) da personagem.

A próxima seção apresenta a análise de dados e discute o agenciamento construído em torno da personagem Maria Mutema.

4.4. Análise dos dados e Discussão

4.4.1. O agenciamento de Maria Mutema

Como apontado na metodologia deste trabalho, foram levantados 54 itens coesivos no romance em português e 109 itens no romance em inglês. Uma das grandes razões para tal discrepância está na necessidade da realização do pronome pessoal em inglês, em contraste com a possibilidade de utilização de sujeitos desinenciais em português. O quadro a seguir apresenta um trecho paralelo do corpus para exemplificar tal diferença:

Português

E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de perdão de todos também, se confessava. Confissão edital, consoantemente, para tremer exemplo, raio em pesadelo de quem ouvia, público, que rasgava gastura, como porque avessava a ordem das coisas e o quieto comum do viver transtornava. Ao que *ela*, onça monstra, tinha matado o marido – e que *ela* era cobra, bicho imundo, sobrado do podre de todos os esterços. Que tinha matado o marido,

Inglês

The words rushed out of her, and between sobs *she* said *she* was confessing right there, to obtain everybody's forgiveness. *She* started out by saying that *she*, a monstrous wildcat, had killed her husband -- that *she* was a snake, a filthy beast, rotten excrement. That *she* had killed her husband that night for no reason, he had done her no wrong, given her no cause -- why *she* had done it, *she* didn't know. *She* had killed him while he slept -- with a funnel

aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma ; por que, nem sabia. Matou – enquanto ele estava dormindo – assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido.

she had poured a stream of molten lead in his ear.

Quadro 3 – Exemplo de maior emprego de pronomes no romance em inglês (grifos meus)

No quadro anterior, que apresenta um trecho paralelo do corpus, é possível ver o contraste entre número de realizações do pronome ‘ela’ em português e do pronome ‘she’ em inglês. No quadro apresentado, por exemplo, há dois casos do pronome ‘ela’ em português contra 12 do pronome ‘she’ em inglês. Esse tipo de contraste, como dito anteriormente, seria responsável por grande parte da diferença entre os itens coesivos levantados para análise em cada um dos romances.

Esses dados foram classificados segundo a proposta de Van Leeuwen, chegando-se aos resultados apresentados a seguir. Ao analisar o agenciamento de Maria Mutema no romance em português, delineia-se a seguinte situação (apresentada na

Tabela 2):

Agenciamento	Ocorrências	Percentual
Apassivação	9	16,7%
Ativação	23	42,6%
Sistemização	22	40,7%
Total	54	100,0%

Tabela 2 – Agenciamento de Maria Mutema em *Grande Sertão: Veredas*

Como é possível ver, há um predomínio das construções em que a personagem de Maria Mutema é sistemizada (40,7% dos casos) no romance em português: isso implica dizer que a personagem é mais descrita ou lhe são associados processos estáticos. O

<i>Maria Mutema era senhora vivida, mulher em preceito sertanejo.</i>	Maria Mutema	Processo relacional
	senhora vivida	Processo relacional
<i>Mas a Maria Mutema se desajoelha de lá, de olhos baixos, com tanta humildade serena, que uma santa padecedora mais parecia</i>	uma santa padecedora	Processo estático

Quadro 4 mostra alguns exemplos desses casos:

	Nódulo de análise	Justificativa para classificação
<i>Maria Mutema era senhora vivida, mulher em preceito sertanejo.</i>	Maria Mutema	Processo relacional
	senhora vivida	Processo relacional
Mas a Maria Mutema se desajoelhava de lá, de olhos baixos, com tanta humildade serena, que <i>uma santa padecedora</i> mais parecia	uma santa padecedora	Processo estático

Quadro 4 – Exemplos de sistemização levantados em *Grande Sertão: Veredas* (grifos meus)

Os exemplos do

Quadro 4 mostram casos de sistemização da personagem Maria Mutema em *Grande Sertão: Veredas*. São casos em que são atribuídas características à personagem, por meio de orações contendo Processos Relacionais, como aponta Assis (2009:106).

Ao analisar o agenciamento de Maria Mutema no romance em inglês, por outro lado, é possível estabelecer a seguinte configuração (apresentada na

Tabela 2):

Agenciamento	Ocorrências	Percentual
Apassivação	24	22,0%
Ativação	65	59,6%
Sistemização	20	18,3%
Total	109	100,0%

Tabela 3 – Agenciamento de Maria Mutema em *The devil to pay in the backlands*

Diferentemente do que ocorre no romance em português, no romance em inglês, a personagem de Maria Mutema é construída de forma mais ativa (59,6% dos casos). O

Quadro 5 mostra alguns exemplos desses casos:

	Nódulo de análise	Justificativa para classificação
<i>Maria Mutema called for help; all the neighbors gathered.</i>	Maria Mutema	Agente
Maria Mutema was a woman who had had <i>her share of hardships</i> , a woman of the plains.	her share of hardships	pronominalização
<i>she</i> didn't talk about it, but mourned <i>her loss</i> without showing it.	She	
	her loss	pronominalização

What did attract notice was something else: <i>her religiousness.</i>	her religiousness	pronominalização
it was said -- concerned only with the salvation of <i>her soul.</i>	her soul	pronominalização

Quadro 5 – Exemplos de ativação levantados em *The devil to pay in the backlands* (grifos meus)

Os exemplos do

Quadro 5 mostram casos de ativação da personagem Maria Mutema em *The devil to pay in the backlands*. São casos em que é atribuído agenciamento ativo à personagem, seja por meio de pronominalizações (em que é atribuído algum nível de posse para a personagem), seja por meio de casos de agenciamento (em que a personagem é colocada como participante ativo de ações).

A partir dessa comparação, é possível dizer que há diferenças na construção da personagem de Maria Mutema em português e em inglês. Graças ao uso de mais pronomes (pessoais e possessivos), a personagem é construída de forma mais ativa no romance em inglês. Essa maior ativação no romance em inglês poderia contribuir para uma construção de mais crueldade por parte da personagem – uma vez que ela age mais em suas ações (enquanto em português, suas características são mais descritas).

A próxima seção apresenta as considerações finais acerca do trabalho aqui desenvolvido.

5. Considerações Finais

Este artigo se propôs a discutir a construção da crueldade na personagem Maria Mutema no romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e em sua tradução para o inglês *The devil to pay in the backlands*, de James L. Taylor & Harriet de Onis. Foram discutidas características da escrita de Guimarães Rosa para tratar sobre o desafio de se traduzir textos que conferem primazia ao tratamento da palavra como objeto.

Posteriormente, foram trabalhadas observações de Cézard (1986) e Levi (1990) sobre os limites da crueldade humana, tendo se definido três critérios para tentar delimitar a crueldade gratuita: a possibilidade de defesa pelo derrotado; a gratuidade da crueldade; e a o espaço para escolhas morais por parte do agressor. Considerados tais fatores, foi analisado o comportamento de Maria Mutema e apontado que ela ultrapassa o limiar da crueldade deliberada ao não permitir qualquer possibilidade de defesa de suas vítimas; ao agir sem motivação que não a criação de sofrimento e por fazê-lo de livre arbítrio.

Por fim, foram analisadas as cadeias coesivas construídas em torno de Maria Mutema nos dois romances, tomando como referencial a teoria de Representação de Atores Sociais, de Van Leeuwen (2009). Verificou-se que a personagem é mais ativa no romance em inglês e mais sistemizada (ou descrita) no romance em português – o que pode levar a uma construção de uma personagem mais cruel – por agir mais e mais deliberadamente – em inglês do que em português.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. d. F. (2005). "A Necessidade do Mal.". In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*. Disponível em: <http://www.prppg.ufes.br/ppgl/reel/ed01/pdf/SergioAmaral.pdf>. Último acesso em: 04/06/2011.
- ASSIS, R. C. d. (2009). *A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O Coração das Trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado.
- CAMPOS, H. d. (1976). Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem – Ensaios de Teoria e Crítica Literária*. São Paulo, Cultrix: 21-38.
- D'ANGELO, B. (2007). "Maria Mutema, uma ética do perdão.". In: *Nonada Letras em Revista* 10: 43-56. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/38/12>. Último acesso em: 04/06/2011.
- DINIZ, D. C. B. (2006). "A figura da elipse no Grande sertão: veredas". In: *O Eixo e a Roda – Revista de literatura brasileira* 12: 175-185. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/16_producao_pgs/DINIZ,%20D.C.B..pdf. Último acesso em: 20/08/2010.
- HALLIDAY, M. A. K. (2003). *On language and linguistics*. London; New York, Continuum. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=o3S2ARKtN4IC&printsec=frontcover&dq=on+language+and+linguistics&hl=pt-BR&ei=4pYATv2DHITm0QHzkK3LDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false. Último acesso em: 21/06/2011.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, H. R. (1976). *Cohesion in English*. London and New York, Longman.
- LEVI, P. (1990). *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- PROENÇA, M. C. (1976). Trilhas no Grande Sertão. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Grifo.
- SELIGMANN-SILVA, M. (2009). "Grande Sertão: Veredas como Gesto Testemunhal e Confessional". In: *ALEA* 11(1): 130-147. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v11n1/v11n1a11.pdf>. Último acesso em: 04/06/2011.
- VAN LEEUWEN, T. (2008). *Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis*. New York, Oxford University Press.
- WILLEMSSEN, A. (1986). "O autor da obra alheia". In: *Revista Fragmentos* 1(1): 53-65.
- WILLIAMS, T. (1972). *A Streetcar named desire*. New York, The New American Library.